



PANORAMA DA EXPANSÃO DE S. PAULO

O Bank of London & South America Limited com o escopo de homenagear a imprensa brasileira, por ocasião da mudança de sua Matriz para São Paulo, deliberou instituir um prêmio no valor de Cr\$ 200.000,00, a ser conferido ao melhor trabalho jornalístico publicado em jornais de São Paulo sobre o tema Desenvolvimento Econômico e Industrial de São Paulo, que deveria focalizar «o progresso rápido e incomparável deste Estado e sua atual posição de liderança no contexto da economia brasileira». O referido prêmio coube ao sr. Jaime Collier Coeli do Diário de S. Paulo.

Concorremos a esse concurso com um trabalho publicado no Diário do Comércio de 20 de setembro de 1963, sob o título Panorama da Expansão de São Paulo em Quatro Séculos — Da Cambuquira às Chaminés e o sub-título: Os potentados do arco e os nobres do café. Após o julgamento, os votos dos membros da comissão julgadora foram tornados públicos. Tivemos a satisfação e a insigne honra — que para nós se configurou no melhor prêmio — de saber que o brilhante jornalista Manoel dos Reis Araújo, presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, votou em nosso trabalho. Transcrevemos, a seguir, um tópico desse voto, no qual esse jornalista justifica a sua preferência: «Levando em linha de conta que aquelas instruções se referem ao melhor trabalho jornalístico», não temos dúvida em classificar em primeiro lugar o que foi apresentado pelo sr. Araguaya F. Martins, com a colaboração do fotógrafo José Calamo, que é realmente um trabalho jornalístico tanto na orientação do texto como na apresentação gráfica. Texto e fotos dentro de uma página viva que se inicia com uma muda de café ao ser plantada pelo trabalhador rural, — herói da grandeza de São Paulo — seguindo-se a apresentação arquitetônica de prédios em que se acham instalados alguns estabelecimentos de crédito, desse crédito que se tornou possível porque a terra produziu e depois as chaminés de São Paulo que deram características próprias a determinados pontos da cidade e por fim, o Monumento das Bandeiras — a demonstração de reconhecimento dos Paulistas de hoje, dos brasileiros de sempre, pelo que fizeram os bandeirantes de ontem que, comendo ica e cambuquira e usando botas de 7 léguas, caminharam para o Oeste e foram alargando as fronteiras da Pátria. Tudo isso a evidenciar que a cidade nascida entre a cruz e o livro e que democraticamente abriu os braços aos estrangeiros havia de criar condições para que todos prosperassem à sombra da famosa legenda «Non Ducor, Ducor».

Trata-se realmente de um trabalho jornalístico com um texto repleto de

informações úteis a indicar os índices do extraordinário desenvolvimento que se positiva na história econômica de S. Paulo desde a chegada de Martim Afonso até os nossos dias.

Nesse trabalho escrevemos ao pé de um clichê que «com o café São Paulo conquistou o primeiro plano no cenário nacional. Diríamos que o café já foi o negro, mas ainda é o Brasil. Nos versos de Cyro Costa... a terra roxa ostenta e esculpe, pelas leiras, a esmeralda e o rubi no braço do paulista! Transcrevemos, a seguir, a parte inicial dessa reportagem, nela ilustramos mais de perto a presença do café na civilização paulista:

Martim Afonso ao iniciar em São Vicente sua obra colonizadora no início do quinhentismo certamente não se dava conta do São Paulo industrial que desabrocharia mais tarde na baixada santista e no planalto. De João Ramalho a Nóbrega e Anchieta algumas décadas de apego à orla marítima iriam decorrer. Borda do Campo, Itanhaém, Cananéia e finalmente São Paulo. A cidade que nascia entre a cruz e o li-

vro do Colégio deveria um dia adotar a legenda famosa: Non Ducor, Ducor! (não sou conduzido, conduzo).

Resseñta-se a colônia da falta de braços. Bandeirantes com botas de 7 léguas saíam a percorrer o interior do Continente a prear índios, a buscar ouro e, mais tarde a lutar com os escravos de Palmares e outros quilombos. Nessa atividade iam emburrando as fronteiras da Pátria nascente. Escreviam, assim, um glorioso capítulo da história do país.

O ouro e as pedras preciosas pouco contribuiriam para enriquecer São Paulo. Ia quase todo ele para a Inglaterra fazendo escala em Portugal. A roda do tempo continuava a correr inexoravelmente. São Paulo continuava uma região pacata, levando a Francisco José Pinheiro a escrever a conhecida sátira: «Comendo ica, comendo cambuquira... Vive a afamada gente paulistana...».

No século XV ainda eram muitos os índios e poucos os negros. O poderio dos potentados era avaliado em arcos. Essa situação iria mudar. No século XVIII aumentariam os negros. No oitocentismo iriam importar segundo alguns historiadores cerca de um milhão de escravos. Mas o Brasil ainda continuaria a ser na linguagem de João Ribeiro um vasto arquipélago de ilhas isoladas. Iria o país passar pelos conhecidos ciclos do pau Brasil, do açúcar, do café, da borracha, do mar, do ouro, pela Civilização do Couro na indicação de Capistrano de Abreu.

Vivia-se, em um mundo sem prensa. No início o transporte era feito no dorso do escravo. Depois o muiar o substituiu gradativamente e o carro de boi também tinha a sua vez. Os navios a vela desenvolviam uma velocidade de 4 quilômetros por hora. Antes de findar o século XVIII iria o mundo sofrer o impacto da invenção da máquina a va-



Aspecto de irrigação por aspersion, nos viveiros de café da propriedade agrícola do sr. Osvaldo Nixford, em Rolândia, Norte do Paraná.